

1939 – NA LISTA DE HITLER, SEGUIA-SE A POLÓNIA

Winston Churchill

Na lista de Hitler, o próximo “pequeno Estado” era a Polónia. Se fizermos um esforço de memória, com base na gravidade das decisões a tomar e no número de partes a consultar, este período devia ter sido de transbordante actividade. Menos de uma quinzena depois¹, em 31 de Março, o primeiro-ministro [Chamberlain] declarava perante o Parlamento:

Agora, devo informar a Câmara dos Comuns de que, na eventualidade de uma acção que ameaçasse nitidamente a independência da Polónia e à qual o governo polaco decidisse, por razões vitais, resistir com todas as suas forças nacionais, o governo de Sua Majestade considerar-se-ia comprometido a providenciar imediatamente ao governo polaco todo o apoio à sua disposição. O governo de Sua Majestade prestou ao governo polaco as adequadas garantias.

Acrescento que me encontro autorizado pelo governo francês a afirmar que a sua posição é a mesma do governo de Sua Majestade... Os Domínios foram postos ao corrente desta situação em todos os seus detalhes.

Já não era tempo para recriminações relativas ao passado. A garantia à Polónia recebeu o apoio de todos os chefes dos partidos e dos grupos da Câmara dos Comuns. “Com a ajuda de Deus, não podemos fazer outra coisa”, disse eu nesse momento. Havíamos atingido o ponto em que esta acção era necessária. Mas, para qualquer pessoa bem informada, nem por um instante podiam restar dúvidas de que daí resultaria uma guerra considerável, para a qual seríamos arrastados.

Nesta triste enumeração de erros cometidos por homens capazes e bem-intencionados, atingimos agora o clímax. O facto de termos sido lançados neste impasse expõe os responsáveis, por mais honoráveis que tenham sido as suas motivações, à reprovação da história. Olhemos para trás e vejamos o que, sucessivamente, nós aceitámos ou abandonámos: o desarmamento da Alemanha mediante tratado solene e o rearmamento da Alemanha em violação desse mesmo tratado solene; o abandono da superioridade aérea e, em seguida, da paridade; a reocupação da Renânia pelas forças armadas e a construção da Linha Siegfried; a criação do Eixo Berlim-Roma; a absorção e a sujeição da Áustria pelo Reich; o abandono e o despedaçamento da Checoslováquia pelos acordos de Munique; a linha de fortificações checoslovaca nas mãos dos alemães; a utilização, em benefício dos exércitos alemães, das fábricas de munições Skoda; o desdém com que foram recebidas, por um lado, as propostas do presidente Roosevelt para estabilizar e regular a situação europeia, e, por outro lado, a incontestável boa vontade da Rússia soviética de se juntar às potências ocidentais e de com elas marchar em força para salvar a Checoslováquia; por fim, o desaparecimento de 35 divisões checas que teriam podido afrontar o Exército Alemão, ainda mal preparado, enquanto a Grã-Bretanha não estava em condições de enviar mais do que duas divisões para a frente francesa... Tudo tinha sido levado pelo vento.

E, agora, que cada um destes apoios ou destas vantagens havia sido malbaratado ou atirado fora, a Grã-Bretanha, levando a França pela mão, assume a oferta de garantias à Polónia – a esta mesma Polónia que, com um apetite de hiena, há não mais de seis meses, participara na partilha e na destruição da Checoslováquia. Combater pela Checoslováquia em 1938 fazia sentido, uma vez que o Exército Alemão podia empenhar apenas uma meia dúzia de divisões bem treinadas na Frente Ocidental, ao passo que a França, com perto de 60 ou 70 divisões, estava apta a atravessar imediatamente o Reno ou a ocupar o Ruhr. Mas um tal empreendimento fora considerado irrazoável, temerário e absolutamente indigno do pensamento e da moral modernos. E, agora,

¹ Churchill refere-se ao discurso que Chamberlain proferiu, em Birmingham, em 17 de Março de 1939. V. n.º A Bigorna 1939 – DA VISITA DE CHAMBERLAIN A MUSSOLINI AOS PRIMÓRDIOS DA CRISE POLACA (Nota do tradutor)

finalmente, as duas democracias ocidentais declaram-se prontas a pôr em jogo a sua existência para salvar a integridade territorial desta estranha República da Polónia. A História, que, dizem-nos, constitui essencialmente o registo dos crimes, loucuras e misérias da humanidade, pode ser polida e rebuscada para encontrar um paralelismo com esta súbita e completa reviravolta numa política de cinco ou seis anos de facilitismos e apaziguamento, e a sua transformação, de um dia para o outro, numa disponibilidade para aceitar uma guerra obviamente eminente, em condições de longe piores e na maior dimensão possível.

Além disso, como é que poderíamos proteger a Polónia e tornar efectiva a nossa garantia? Declarando guerra à Alemanha, atacando uma muralha ocidental mais espessa e um exército mais forte do que aquele diante do qual recuámos em 1938? Passo a passo, fomos-nos aproximando da catástrofe. Depois da época da facilidade até àquela em que a situação se agravara, podíamos fazer uma lista das nossas desistências perante o poderio sempre crescente da Alemanha. Mas, desta vez, a Inglaterra e a França recusavam, finalmente, submeter-se. Era, no fim de contas, uma decisão que fora tomada no pior momento, sobre o terreno menos favorável, e que, seguramente, devia provocar o massacre de dezenas de milhões de homens. A causa do direito, deliberadamente e com um refinamento certo na arte de mal fazer, encontrava-se constringida a uma luta mortal, depois de terem sido desperdiçadas todas as vantagens da superioridade material. Se não quiserem combater pelo direito quando têm a possibilidade de triunfar facilmente sem efusão de sangue, se não quiserem, ainda, combater quando a vitória se prevê como certa e não muito custosa, então chegarão, fatalmente, a uma situação em que terão de combater quando todas as hipóteses são desfavoráveis e exígua a esperança de sobreviver. Mas ainda podemos imaginar uma situação pior. Seremos forçados a combater sem esperança de vencer, porque mais vale perecer do que viver na escravidão.

O discurso de Birmingham aproximou-me consideravelmente do Sr. Chamberlain. Escrevi-lhe a seguinte nota:

Permito-me lembrar a sugestão que lhe apresentei ontem à tarde, num corredor da Câmara, relativamente à necessidade de activar imediatamente a preparação da nossa defesa antiaérea. Uma tal iniciativa não pode ser considerada como uma provocação, e, muito pelo contrário, ela persuadirá o Continente de que o governo de Sua Majestade leva muito a sério a situação. A mobilização destes oficiais e tropas, e o contacto entre eles, melhorará a cada dia que passe a operacionalidade do Exército. O efeito produzido sobre a população será mais tranquilizador do que alarmista. Mas é sobretudo em Hitler que eu estou a pensar. Ele deve estar, neste momento, num estado de tensão extremo. Sabe que nos esforçamos a constituir uma coligação para enfrentar a sua próxima agressão. Com um homem assim, temos que esperar tudo. Sabendo que estamos prontos, sentir-se-á menos tentado a atacar Londres de surpresa ou a bombardear as nossas fábricas de aviões, hipóteses acerca das quais me sinto mais preocupado. Ficaríamos, deste modo, a coberto de uma surpresa, deixariam de existir convites a soluções de violência e poderiam prevalecer os conselhos de prudência.

Em Agosto de 1914, persuadi o Sr. Asquith² a permitir-me enviar a esquadra para o Norte, de modo a poder passar o Estreito de Dover *antes* que a situação diplomática se tornasse desesperada. Parece-me que a repartição dos efectivos das nossas forças antiaéreas coloca o mesmo problema e espero que não leve a mal o facto de eu submeter o assunto à sua reflexão.

A vergonhosa atitude da Polónia por ocasião da liquidação da República Checoslovaca tinha-lhes valido a absorção de Teschen. Não tardariam a pagar pela sua perversidade. Em 21 de Março, quando Ribbentrop³ se avistou com o Sr. Lipski, embaixador da Polónia em Berlim, adoptou um tom muito mais seco do que no decurso de anteriores conversações. A ocupação da

² Primeiro-ministro do governo britânico. (Nota do tradutor)

³ Ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha. (Nota do tradutor)

Boémia e a criação de uma Eslováquia satélite tinha levado os exércitos alemães até às fronteiras meridionais da Polónia. Lipski disse a Ribbentrop que o polaco-médio não podia compreender por que razão o Reich havia assumido a protecção da Eslováquia, dado que essa iniciativa era dirigida contra a Polónia. Inquietava-se, igualmente, relativamente aos entendimentos de Ribbentrop com o ministro dos Negócios Estrangeiros da Lituânia. Tratar-se-ia de Memel?⁴ Dois dias depois, em 23 de Março, tinha a resposta: as tropas alemãs ocupavam Memel.



Todas as formas de organizar qualquer resistência à Alemanha na Europa Central estavam, agora, quase esgotadas. A Hungria encontrava-se no campo alemão. A Polónia desinteressara-se da sorte dos checos e não estava disposta a colaborar intimamente com a Roménia. Nem a Roménia, nem a Polónia aceitariam, em caso de intervenção russa contra a Alemanha, que as tropas russas passassem pelo seu território. E, no entanto, a chave de uma grande aliança encontrava-se num entendimento com a Rússia. Em 21 de Março, o governo russo – muito preocupado com os acontecimentos e apesar de o termos mantido à distância aquando da crise de Munique – propusera a reunião de uma conferência a seis. Sobre esta questão, também, o Sr. Chamberlain tinha ideias assentes. Eis o que escrevia, em 26 de Março, numa carta privada:

Confesso que a Rússia me inspira a mais profunda desconfiança. Não acredito que, em nenhuma circunstância, seja capaz de sustentar uma ofensiva eficaz, mesmo que o queira. Também desconfio das suas motivações, que me parecem ter muito pouca relação com o nosso ideal de liberdade e consistir, somente, no desejo de pôr todos os demais em conflito. Além disso, ela inspira ódio e desconfiança a muitos pequenos Estados, como a Polónia, a Roménia e a Finlândia.⁵

A proposta soviética de uma conferência a seis foi recebida, portanto, com frieza e deixada cair.

As probabilidades de retirar a Itália do Eixo, que concitara tanta atenção nos cálculos da política britânica, também se desvaneceram. Em 26 de Março, Mussolini, num violento discurso, expôs as reivindicações italianas contra a França no Mediterrâneo. Secretamente, e para contrabalançar o avanço alemão na Europa Central, preparava a extensão da influência italiana no Adriático e nos Balcãs. O seu plano de invasão da Albânia estava pronto.

⁴ A designação actual desta cidade portuária é Klaipėda. (Nota do tradutor)

⁵ FIELING, Keith, *Life of Neville Chamberlain*, p. 403.

Em 29 de Março, o Sr. Chamberlain anunciou ao Parlamento a sua intenção de duplicar os efectivos do Exército Territorial, isto é, no papel, um aumento de 210.000 homens (não equipados). Em 3 de Abril, o general Keitel, chefe do estado-maior de Hitler, emitiu a sua ordem secreta: “Directivas para as Forças Armadas, 1939-1940” sobre a questão da Polónia. Na codificação secreta era o ‘Plano Branco’. O Führer acrescentou a seguinte orientação: “Os preparativos devem ser levados a cabo de tal forma que as operações possam começar em qualquer data depois de 1 de Setembro.”

In Winston Churchill, The Second World War.

Tradução de David Martelo a partir da versão francesa da obra – *Mémoires sur la deuxième Guerre Mondiale – Vol. I – L’Orage Approche – D’Une Guerre à l’autre – 1919-1939*, Plon, Paris, 1948, pp. 353-358. – Dezembro de 2020